



Uma carta para Monsieur Stendhal

Manoel Herzogⁱ

"Santos/SP, Brasil, 25 de outubro de 2009.

Caro Monsieur Stendhal:

Escrevo-lhe ostentando o título de ser um daqueles cem leitores parisienses que julga considerarem sua obra, e aos quais o senhor disse amar profundamente, malgrado não os conheça. Creio que passe, nestes dois séculos, de cem a cota dos seus cativos, e que extrapolem os estreitos limites da capital francesa.

Com que habilidade, no tratado intitulado *Do Amor e das Diversas Fases Desta Doença (De L'Amour)*, o senhor estuda a evolução do amor comparando a um ramo de árvore que, lançado às profundezas de uma mina de sal, e de lá retirado após alguns dias, volta ornado de brilhantes, cristalizações que tornaram aquele galho seco em joia inestimável.

Não só a mim, não só a outros sete, mas a toda uma legião de padecentes disto que o senhor chamou doença, tal metáfora toca fundo. De mim, digo ter um galho imenso, triste troféu, ornado de diamantes amargos, do sal que charqueou as carnes de meu miocárdio. São joias venenosas estes adamantes, ainda que belas. Ornam o galho insípido da vida minha.

Pois foi da leitura desta obra que concluí, Monsieur Stendhal, e corrija-me se incorro em equívoco, terem as fêmeas dois atributos que lhes atrapalham a possibilidade de amar e tolhem aos machos, em absoluto, a de se fazerem amados: o orgulho e o pudor.

É que são os homens, via de regra, privados destes dois atributos. Submetidos ao amor abdicam do orgulho, entregando-se à infâmia mais degradante, se necessário, para se fazerem notar pela mulher amada. Do pudor, os machos abdicam no nascimento.

Da cota de falta de pudor que a mim foi atribuída pela Providência, e privado do orgulho que o amor por determinada senhora furtou-me, é que a tenho importunado com súplicas nem sempre discretas. Por indiscretas, têm-lhe recorrentemente afetado o pudor, pelo que se vem mostrando assaz indignada para comigo.

Não sou espírita e tampouco estou neste momento a valer-me de subterfúgios de mediunidade. Falo ao senhor, morto há dois séculos, e tenho mais esperanças que responda esta missiva do que minha amada dê um sinal de reconhecimento de meu estardalhaço.

Não, não é verdade. Na verdade, verdade mesmo, nutro e acalento esperança que ela, tomada de amor-doença que nem eu, sucumba de febres e tremores, supere orgulhos e pudores, e fale comigo. Vide sua teoria da esperança: o amor só vive enquanto há esperança, ainda que subjetiva ou impossível.

Sei que ele há de lentamente morrer sufocado à medida em que a esperança se esvaia pela indiferença do ente amado. Ando nesta trilha, e bem avançado. Mas penso que ainda há muito a percorrer.

Por superação do sofrimento do amor não correspondido de sua Matilde, o senhor escreveu o tratado. Vendo graça na própria desgraça ri, amargo, quando o senhor mencionou que o amor tolhe ao homem a absoluta capacidade de raciocínio, e este passa a proferir à mulher amada tudo o quanto não desejaria, tudo o quanto não deveria e, pior, tudo o quanto ela odiaria. Privado da razão, o pobre amante, tomado de desespero, verbera estultices, verte imbecilidades, troca sentidos das coisas e desagrada, por fim só desagrada. É o quanto me ocorre.

Sigo os mestres: tentei, feito o senhor, fazer brotar de meu infortúnio alguma filosofia. Foi assim que desenvolvi, a partir das suas pertinentes conclusões sobre o quanto as considerações das amigas afetam o orgulho de uma mulher, a minha *Teoria da Abelha-Rainha*. Sabe aquelas barbas de abelha que os apicultores fazem? Colam uma abelha-rainha ao queixo e todas as outras vêm se agregar.

Hoje, Monsieur Stendhal, não mais vigem os tempos da nobreza europeia do século XVIII. Os nobres de antanho chamam-se hoje *classe média*. Não é tão comum o adultério quanto naquelas priscas eras, mas não ousa dizer seja ele de todo incomum. Assim, cumpre-me confessar que sou casado, e minha amada também o é. Complemento esta explicação

dizendo ainda que não sou casado com minha amada e, portanto, fomos adúlteros, o que não é mais considerado nobre.

Minha esposa logrou descobrir a aventura que se veio a tornar em minha desventura. Importa esclarecer, Monsieur Stendhal, que os cônjuges de hoje em dia nada têm da complacência dos nobres do seu tempo, que toleravam amantes, eis que também os tinham. Assim sendo, a partir da descoberta de ínfima parte de meu affaire, tomado de um pânico absurdo, que nada tem a ver com pudor, mas denota extremada carência deste atributo, lancei-me à completa confissão do quanto vinha acontecendo, pois não suporto tortura, e a ela fui submetido. Conteí tudo o que não podia, e mesmo além, com riqueza de detalhes, quem era, onde morava, o marido.

Minha senhora, que é fêmea, viu-se ferida de orgulhos e saiu na defesa de seus pudores: procurou o marido de minha amada e contou-lhe o quanto ocorria. Este, sendo macho, não tem pudor por natureza e, tanto quanto eu, ama. Viu-se privado de orgulho e passou a publicar o fato, sem ligar à própria honra, tornando, assim, vilipendiada a de minha amada, que passou a ser considerada uma fêmea leviana.

Por ironia o escândalo afetou minha amada naquilo que as fêmeas mais prezam: seu orgulho e pudor. Veja o senhor quanto o destino roça os limites do sadismo, extrapolando os da ironia: a mim, macho, o mesmo escândalo elevou fama a píncaros, destacando dois atributos que desconheço e que, portanto, não considero: os mesmos *orgulho* e *pudor*. É que vige em meus tempos, e creio que já ao seu vigesse, o imperativo de considerar os machos um orgulho quando declarados pela sociedade insuperáveis despudorados. Alazões. Garanhões. O quanto me eleva, rebaixa minha amada. Trocaria de condição se pudesse.

Pois de tudo o quanto há de triste neste episódio, restou que minha amada me culpa por ter sucumbido à tortura imposta por minha esposa, palitos sob as unhas, e ter entregue à repressão nosso doce aparelho. Assim sendo, sistematicamente se vem recusando a receber-me, e mesmo ouvir-me. Ler-me, não responde minhas cartas, hoje chamadas *emails*. Olhar-me. Lembrar-me. Pensar em mim.

Debaldes são minhas tentativas de suscitar sua atenção. Acalento com rematado carinho a hipótese de postar-me à frente de sua residência, que fica em movimentada rua de minha urbe, com uma zabumba atada à cintura, ribombando baquetas e berrando que volte para mim. A razão assassina a ideia. A razão não, Monsieur Stendhal, mas o pavor que me infunde minha senhora. A razão é subterfúgio para furtar-me ao medo e à falta de pudor.

Foi assim que deliberei seguir seus passos: elaborar um tratado sobre o amor para que ela, considerando meu gênio filosófico e literário, voltasse. Criei, do desespero, minha *Teoria da Abelha-Rainha* e fui mostrar a minha amada, a quem julgava culta e literata. Efetivamente o é, dama de escol, mas olvidei sua condição de fêmea e a natural falta de humor, pautada no pudor e no orgulho com que rechaçou minha verve. Quanto à *Teoria da Abelha-Rainha*, permita-me um intróito: no círculo social que frequento foi que conheci minha amada. Privo, neste círculo restrito, da companhia de doces fêmeas, muitas das quais acompanhadas de seus maridos, todos pretensamente intelectuais. Reservamos noites alegres no desenvolvimento do que hoje chamamos *papo-cabeça*, o que significa *conversa entre tipos pretensamente cultivados*. As damas capazes de empreender tal tipo de conversação via de regra são profissionais resolvidas financeira e emocionalmente, à busca da felicidade, como qualquer vivente. Ainda nos tempos de hoje, como creio fosse ao seu tempo, meu nobre escritor, as fêmeas se agrupam entre si, os machos outro tanto. Falam estes de caçadas, duelos, grande somas de dinheiro, futebol, mulheres. As fêmeas, outrossim, juntam-se para falar de danças na corte, cosméticos, criadas, damas de honra, aventuras amorosas. Tudo, tudo igual.

Todavia, se no grupo dos homens jamais se sobressai um líder – todos o tentam ser, dada sua natureza competitiva – não menos certo é que, no das mulheres, é sempre eleita uma, geralmente a mais privada de atributos. Como são estranhas estas graciosas criaturas.

Pois assim lhe conto, caro Monsieur Stendhal, que cheguei a minha amada, como a diversas outras amigas antes dela, através de sua líder, a dita *Abelha-Rainha*. No grupo de nobres de classe média que tive a honra de frequentar, as damas reuniam-se, como sói acontecer, à parte dos homens. Na arte das conquistas, que a homens casados se deve cultivar extremamente discreta, me aproximei daquela que não era exatamente a mais bela, mas que pareceu-me mais receptiva. Mal sabia eu que, naquela colmeia, as divas a haviam elegido sua principal. Talvez por esconder a insegurança que a comparação às amigas lhe devia impor, ela era a mais *descolada*. Esta palavra significa, Monsieur Stendhal, hoje em dia, uma dama *resoluta*. Aproximei-me desta dama resoluta e descolada, vivemos um tórrido romance, sob protestos e invejas de todas as outras, que não criam ser, mais uma vez, superadas pela abelha-rainha. O reinado absoluto desta abelha se dava tão somente pela condição de guerreiras que o orgulho trazia a algumas, e de operárias, que o pudor conferia a outras. Furtando-se aos dois naturais predicados das fêmeas, aquela abelha

atingiu o posto máximo por conta do valor que os machos atribuímos às fêmeas sem muito orgulho e com pouco pudor.

Uma vez nas graças da abelha-rainha, que divulgou e mesmo superlativizou minhas qualidades de amante ao grupo, com que doce vaidade lhe conto eu, meu preclaro filósofo, que *catei* uma a uma todas aquelas fêmeas da colmeia. *Catar* hoje em dia, Monsieur Stendhal, significa *privar de intimidades eróticas*. Catando de uma em uma fui de fêmea em fêmea do grupo até minha amada, quanto catado fui. E aqui retomo a história que lhe vinha contando.

Meu caro Monsieur Stendhal, esqueci-me de pesquisar nos alfarrábios que a genialidade de sua obra não fez trazer de volta sua amada, pois as mulheres, absolutamente, não consideram o gênio de um homem. Mais, por vezes trocam o que era antes uma gritante paixão entre nobres por um tipo qualquer, sem qualquer atributo notável. Assim, por ter esquecido de fazer tão importante pesquisa, pois o amor a nós machos não nos tolhe só o orgulho, mas também a razão, foi que lancei-me a apresentar a estúpida teoria a minha amada, na esperança de que me considerasse gênio e de mim gostasse de novo. Colhi, meu senhor, resultado diametralmente inverso.

Hoje, apaziguado, concluo que minha teoria, além de insipiente, era ridícula. Mas não foi por isso que não mais logrei sorte no amor. O senhor criou um tratado genial e continuou rechaçado tanto quanto. De que serve tanta filosofia, Monsieur Stendhal, porque lemos tanta poesia, retórica, gramática, matemática, semântica, propedêutica, hermenêutica, se agora, às exatas duas horas e trinta e três minutos da manhã deste sábado o senhor está aí, morto há quase duzentos anos, e minha amada está lá, nos braços do zangão mais insignificante que poderia haver numa colmeia?

ⁱ Manoel Herzog, Santos, 1964, iniciou na literatura em 1987 com *Brincadeira Surrealista*, poemas. Em 2012 publicou *Os Bichos*, romance, pela Editora Realejo. Em 2013, *Companhia Brasileira de Alquimia*, romance, pela Editora Patuá. Em 2014, também pela Editora Patuá, o pornoépico *A Comédia de Alissia Bloom*, terceiro lugar no prêmio Jabuti 2015. Em 2015 lançou *O Evangelista*, romance. Em 2016 foi a vez de *Sonetos de Amor em Branco e Preto*, poemas, com apoio do Proac. Coordena oficinas de literatura. Colabora em Mallarmagens e escreve quinzenalmente a coluna Zona de Leitura, na revista digital Pausa, <http://revistapausa.blogspot.com.br/p/sobre-revista.html> Contato: manohelherzog@gmail.com